VI Semana de História do Pontal
Sociedade, Cultura, Patrimônio
25 A 28 DE SETEMBRO DE 2018
V Encontro de Ensino de História
ISSN 2179-5665

A história com "fundamento ideológico": Warren Dean, brasilianismo e escravidão.

Maicon Vinicius da Silva Carrijo
Sávio Henrique de Menezes Franco
IFTM- Campus Ituiuaba

Durante a Guerra Fria, como evidenciam alguns textos publicados na *Hispanic American Historical Review* nos anos 1960, a produção historiográfica não passou intacta pelas disputas entre Estados Unidos e União Soviética. No caso da história da América Latina, historiadores dos dois lados do conflito trocaram acusações sobre os investimentos de seus Estados em pesquisas sobre a região, assinalando as "verdadeiras" razões por trás do crescimento do interesse no passado do continente. De acordo com o lado da disputa, ora o Partido Comunista, ora o Imperialismo norte-americano, foram responsabilizados por fazer da história um instrumento de dominação dos povos (OSWALD, 1960; LAVRETSKII, 1960).

Esse tipo de debate, naturalmente, não ficou restrito somente aos estrangeiros que escreviam a história dos países da América do Sul. Para o caso do Brasil, onde a historiografia e as reflexões das ciências sociais produzidas pelos Estados Unidos foram numerosas, o cerne de algumas análises foi semelhante. Aqui, ao lado das referências vinculadas às disputas do mundo bi polarizado, o contexto autoritário também compôs o pano de fundo para as reflexões, dando força para o surgimento de textos que desqualificaram pesquisas e responsabilizaram os brasilianistas – como esses acadêmicos passaram a ser chamados – por estudos utilizados para consolidação da hegemonia estadunidense.

No entanto, apesar da grande difusão dessa postura, que foi forte o suficiente para ir além das publicações e corredores universitários, alcançando também a imprensa, outras posições vieram à tona no debate sobre o brasilianismo. A maior presença dos livros dos norte-americanos no mercado editorial brasileiro, ao lado dos artigos e de outros tipos de produção em canais de divulgação acadêmica, somados ainda a intensificação dos contatos

ISSN 2179-5665

entre os pesquisadores dos dois países, foram algumas das causas que contribuíram para que as suspeitas, em determinados casos, dessem lugar à legitimidade intelectual.

O historiador Warren Kempton Dean, cuja trajetória e uma das obras – *Rio Claro. Um sistema brasileiro de grande lavoura* – são objetos de estudo deste trabalho, foi uma das peças que se movimentou nesse cenário. O trecho de uma apresentação, escrita para um "dossiê" publicado em sua homenagem na *Revista de História*, traz a memória da professora da Universidade de São Paulo, Maria Lígia Prado, a respeito do encontro que teve com o trabalho do norte-americano. No texto, fica evidenciado o lugar do historiador no processo em que a perspectiva acerca da produção brasilianista era ressignificada. A então estudante de história, em meio ao impacto das "teses" do estadunidense no campo acadêmico brasileiro, distanciou-se das ligações diretas entre brasilianismo e imperialismo, encontrando em suas pesquisas um ponto de apoio no contexto autoritário:

> A primeira vez em que ouvi o nome de Warren Dean, ainda como estudante, foi numa acirrada discussão entre dois colegas considerados "muito atualizados", que divergiam sobre as teses de *A Industrialização de São Paulo*, publicado em português, em 1971. Li imediatamente o livro para poder participar dos debates, pois todos pareciam ter uma opinião sobre ele. Fato notável, pois naquela época não nos importávamos muito com historiadores norte-americanos, já que, em geral, os víamos como inexpressivos e demasiado empiricistas ou – sinto-me como se estivesse falando sobre a Idade da Pedra – como inimigos, já que nosso sentimento anti imperialista era muito forte. Eram os piores anos da ditadura e nesses difíceis tempos, a História era nossa aliada. Debruçávamo-nos sobre ela, para ler, no passado, as trilhas do futuro. E no futuro, quando a tempestade houvesse passado, algum tipo de revolução social iria acontecer para destruir a opressão, a miséria, a censura, a tortura, as prisões, colocando em seu lugar a liberdade, a democracia, a justiça e a igualdade social. O livro de Warren – daí seu tremendo impacto naquele momento no Brasil – de alguma maneira, dizia respeito às nossas inquietações. Ele nos oferecia uma interpretação sobre a história do Brasil que esclarecia a "realidade" e, explicando o passado, preparava o caminho para o futuro (PRADO, 1995, p. 91).

Foi com esse livro que Warren Dean estreou no mercado editorial brasileiro, dois anos depois da edição norte-americana. Quando da sua publicação nos Estados Unidos, o historiador ocupava o posto de Professor Assistente de História na Universidade do Texas, cargo inicial na carreira acadêmica estadunidense. Antes, havia passado pela Universidade da Flórida, onde realizou os trabalhos que lhe garantiram os títulos da pós-graduação. Durante o mestrado, o foco de suas pesquisas esteve sobre Cuba, especialmente nos efeitos da Grande

ISSN 2179-5665

Depressão sobre o país, enquanto no doutorado, em razão das complicações na relação entre Havana e Washington, que impossibilitavam o seu acesso a novas documentações, optou pelo Brasil como objeto de estudo – a princípio, visto como um local "potencialmente revolucionário", progressista, da fundação de Brasília e da expansão de empreendimentos econômicos, como a indústria automobilística (MEIHY, 1990, p. 274)

No ambiente Texano, onde complementou os estudos que resultaram na edição de *A Industrialização de São Paulo*, e onde também trilhou os primeiros caminhos que o levaram à publicação de seu segundo livro sobre a História brasileira, Warren Dean teve uma estadia relativamente curta. Após ter passado períodos em Nova York, Havana e São Paulo, aliado ainda ao fato de ter sido educado, quando jovem, no norte dos Estados Unidos, expressou que nutria ali, como em outros momentos de sua trajetória no sul do país, uma insatisfação com o que via como um profundo conservadorismo. Uma contrariedade que resultou, inclusive, em ações: na Flórida, Warren Dean participou ativamente de manifestações políticas em apoio à luta pelos "Direitos Civis", num pequeno grupo que se vinculou a Martin Luther King (OLIVEIRA, 2013, p. 38), e na capital do Texas, Austin, seu posicionamento público contra a Guerra do Vietnã em um episódio envolvendo um capitão do exército foram decisivos para que procurasse outra universidade para desenvolver suas atividades, em 1970.

> Quando os Estados Unidos entraram na Guerra do Vietnã, fui publicamente contrário... Isto me fez bastante impopular na faculdade, que era ainda mais conservadora do que o público texano... Eu não era pessoa de nenhuma importância, mas cheguei a me destacar por criar uma "bagunça" tendo recusado permissão para que um capitão do Exército, do tipo que compunha o serviço de inteligência norte-americano (CIA), participasse das minhas aulas... Esse capitão, era um "boina verde", recém-regressado do Vietnã, e que inclusive tinha chegado a oferecer palestras sobre torturas, estava se habilitando para ir à Colômbia, que na época atravessava um problema de guerrilhas internas... Logicamente me antagonizei com ele, esta minha atitude não foi aprovada pelo Departamento, nem pelos colegas, muito menos pelo American Association of University Professors. Estava realmente em maus lençóis... Imagine que teria de apresentar desculpas formais ao referido capitão... Estava tão chateado que procurei emprego em outra universidade... Tive sorte de ser contratado pela New York University... (MEIHY, 1990, p. 278)

As manifestações políticas de Warren Dean não deixaram de existir pelo "incidente" com o militar no Texas. Novamente em Nova York, num ambiente acadêmico que considerava muito mais democrático do que o de Austin, o historiador se envolveu

ISSN 2179-5665

diretamente com a crítica ao regime militar brasileiro nos Estados Unidos. Depois de quase dez anos de dedicação às pesquisas sobre o Brasil, participou da fundação do *American Committee for Information on Brazil*, criado para divulgar mais amplamente a violação dos direitos humanos no país. Por meio de manifestações, cartilhas e artigos em jornais, as ações do grupo combateram uma visão inicial, propagada por órgãos oficiais e pela imprensa estadunidense, que colocou o regime instaurado em 1964 como aquele que salvou a democracia no Brasil do "perigo" daqueles anos: o comunismo (GREEN, 2003; 2009).

Nesse período, quando, naturalmente, havia alargado seus contatos com os acadêmicos brasileiros, muitos dos quais foram penalizados com severas restrições nas práticas de seus ofícios, Warren Dean não ficou alheio à situação política do país na edição de mais um trabalho envolvendo a história de São Paulo, especificamente sobre uma região do interior paulista. Intitulada *Rio Claro. Um sistema brasileiro de grande lavoura*, essa obra, que chegou ao mercado por um selo editorial marcado pela crítica ao regime autoritário – a editora Paz e Terra –, trouxe a questão exposta claramente logo em sua introdução, com destaque para a prisão de Caio Prado Junior, a quem – e a "outros corajosos homens de letras" – o trabalho foi dedicado:

> Este trabalho foi levado a efeito no Brasil durante um ano de grande agitação política, quando parecia que o governo militar abandonaria seu caráter de autoritarismo, em face da oposição, inclusive por parte das universidades. O autor não se sentia à vontade com sua relativa imunidade, e lamentou o prejuízo causado ao progresso dos estudos históricos no Brasil. Muitos colegas perderam seus cargos e foram encarcerados por terem exercido honestamente e com dignidade os seus direitos de cidadão e as responsabilidades de seu ofício. Temos uma dívida especial de inspiração para com Caio Prado Junior, que foi para a prisão numa idade em que deveria ter ido para a cátedra vitalícia. A ele e a outros corajosos homens de letras este livro é dedicado (DEAN, 1977, p. 16).

Não obstante, para além dessa referência aos embates entre a academia e o regime militar, tem relevância nessa obra de Warren Dean outro sentido político de seu trabalho. Desde as primeiras páginas, o brasilianista revelou toda a sua inconformidade com a situação dos negros no Brasil, a quem direcionou o "fundamento ideológico" do livro:

> É preciso admitir que a preocupação do autor também tem seu fundamento ideológico. O povo tem direito à sua própria história. Que a terra, o trabalho e o lucro tivessem sido expropriados tem menor relevância do que o fato de

ISSN 2179-5665

> que a expropriação tivesse sido legitimada, e legitimada de tal maneira que os que sofreram a expropriação saíram humilhados. Por ocasião de um congresso que se realizou no Rio de Janeiro em 1950 a fim de estudar a posição do negro na sociedade brasileira, um dos participantes desaprovou enfaticamente o estudo da história da escravidão: "Precisamos é esquecer esse tratamento brutal, para não sentirmos ódio. Para que o Congresso vai lembrar que meu pai apanhou, minha mãe apanhou. Por quê?" Por motivos científicos, declarou o presidente; para mostrar aos brancos seus erros, disseram outros participantes; para mostrar que os negros, apesar de tudo, sempre tinham cooperado; para mostrar que a situação melhorara. A angústia do orador era insuportável, e a reunião teve de ser suspensa apressadamente. A resposta deveria ter sido: Seu pai e sua mãe merecem ser recordados porque sofreram, e ainda mais porque resistiram e triunfaram. A história não revela submissão e resignação, mas sobrevivência e revide. O estudo do trabalho nas grandes lavouras tem implicações igualitárias, mas o que se pretende – é preciso deixar bem claro antecipadamente – é corrigir perspectivas que foram distorcidas mediante argumentações especiais, e não, introduzir distorções onde não as havia (DEAN, 1977, p. 15).

Para concretizar esse movimento, de resgate do protagonismo do negro na história da escravidão, isto é, de resgate dos negros como agentes de sua própria história, o munícipio, como unidade política elementar do Brasil, foi uma das chaves de classificação que permitiu a Warren Dean acessar uma ampla documentação. "Vultuosas correspondências" foram encontradas no Arquivo do Estado, além de diferentes materiais no Museu Paulista. Nos cartórios e na Câmara Municipal da cidade, contratos de todo tipo, testamentos, registros de terra, cadastros de vendas e de lançamentos de impostos foram fundamentais para composição dos dados das diversas análises efetuadas no livro. Ademais, livros contabilísticos de várias plantações, volumes dispersos de jornais e diferentes registros oficiais das autoridades estaduais e do município contribuíram decisivamente com as conclusões sobre o universo de Rio Claro.

Apoiado nessas fontes, uma das mais importantes frentes do trabalho de Warren Dean foi a caracterização do perfil dos antagonistas dos escravos: as elites proprietárias de terra. Seus membros, ao longo dos capítulos, apareceram agindo sempre com violência, crueldade, egoísmo, falsidade e ausência de moral, em descrições minuciosas das circunstâncias encontradas.

> O costume, frequentemente registrado, de dar crianças escravas como presente parece, à primeira vista, indicar uma espécie de paternalismo: uma mulher de recursos, "desejando dar uma sincera demonstração de estima e amizade", enfeitaria a filha ou filho pouco promissores de alguma escrava, e

ISSN 2179-5665

> enviaria a criança para outro lado do município, para a casa de uma neta ou sobrinha recém-casada. Às vezes se registrava no termo de doação que a escrava valia tantos mil réis, uma maneira de mostrar o preço do presente, sem dúvida, o que era sempre calculado com exagero. O presente talvez fosse bem intencionado e bem recebido; a criança poderia ser mimada e protegida. No entanto, que horror ver uma menina tratada exatamente como se fosse uma boneca de corda; e enquanto na sala as insípidas senhoras, aos gritinhos, trocavam os costumeiros gracejos (como as apresentadoras gorduchas da televisão paulista) sobre a menina de cinco anos, presente de aniversário de carne e osso, na cozinha, como faria a mãe, para sufocar a dor da separação? (DEAN, 1977, p. 83).

Em outro campo de ação, vinculado mais diretamente às práticas da esfera econômica, os proprietários de terra não foram menos criticados. Nessa área, teve destaque as considerações sobre a presença entre os mais ricos de concepções arcaicas e a ausência de uma racionalidade plenamente capitalista para lidar com a totalidade das atividades envolvidas no sistema de grandes lavouras. Rio Claro tornou-se um território de "burgueses imperfeitos" – "nem "generosos", nem "esclarecidos", e donos de uma "ideologia maligna e contraproducente". Uma elite que não colocou como prioridade a produtividade ou os custos de manutenção. A incapacidade dos proprietários de tratarem com um "proletariado real em bases puramente contratuais", somada ao temor de que salários competitivos e direitos pudessem subverter a ordem da "sua sociedade", foram elementos fundamentais para que sempre voltassem à escravidão. Para Warren Dean: "Os fazendeiros foram incapazes de provocar a grande transformação através da autocrítica" (1977, p. 124).

Desse modo, se a transição que pôs fim ao trabalho escravo não teve no grupo de proprietários a sua base, então esse papel coube, de fato, àqueles que mais sofreram dentro da estrutura legal e social da escravidão: os negros – que tiveram de "persuadir" a elite "a rever seus pontos de vista" (1977, p. 124). Na análise do perfil do grupo em Rio Claro – a outra frente fundamental da obra –, a ênfase incidiu sobre a dinâmica das reações dos cativos ao mundo ordenado pelos brancos, de modo a caracterizar o processo de oposição que tornou inviável a sobrevivência do sistema escravocrata na região.

Ao marcar essa posição de resistência, Warren Dean apontou o alto número de fugas e fundamentou exemplos dos diferentes tipos de ataques dos negros às propriedades e aos proprietários. Ao mesmo tempo, recuperou elementos que permitiram atestar a consciência do grupo e de sua competência em racionalizar os protestos contra as condições impostas pelos

grandes fazendeiros. Nesse ponto, foi fundamental o trabalho sobre as relações dos escravos com as leis, com indicativos precisos da busca dos cativos para conseguir operá-las a seu favor – em um dos documentos analisados há, por exemplo, o caso da fuga do escravo chamado Amaro, que saiu de uma fazenda em São Carlos e foi até o chefe de polícia em São Paulo por temer ser chicoteado até a morte; as leis proibiam crueldade desnecessária.

Para esses e outros questionamentos dos negros escravizados, cada vez mais intensos na região, foram fundamentais algumas alterações estruturais ocorridas na segunda metade do século XIX. Uma das bases para as mudanças foi a promulgação da lei Eusébio de Queirós, que determinou a extinção do tráfico e contribuiu para uma importante transformação na composição da população cativa. Com o fim da fonte de negros da África, o número de escravos nascidos no Brasil passou a ser maioria, havendo nesses, de acordo com o Warren Dean, mais potência para pôr em cheque o mundo dos senhores. O tráfico interprovincial, que arrancou boa parte desses cativos do Nordeste, aliado a diminuição das chances de alforria e da piora nas condições de trabalho nos cafezais paulistas, foram decisivos para que a reação dos escravos de "cultura brasileira" ao sistema atingisse um ponto crítico, com um aumento significativo do número de fugas e da violência.

> De repente as regras do jogo tinham mudado. Os fazendeiros dão testemunho da capacidade do escravo brasileiro racionalizar suas queixas. Eles tinham absorvido a retórico da igualdade e da cidadania. Quando um escravo de segunda geração depunha, ele não referia a si mesmo como "crioulo", mas como "brasileiro". O Oeste Paulista torna-se-ia uma importante arena da iminente batalha (DEAN, 1977, p. 128).

Nesse cenário de incerteza e de degradação da posição desfrutada pelos grandes proprietários, a solução encontrada por eles foi "envergar o capuz do abolicionismo". De acordo com o historiador, seguindo o que já vinha sendo feito em outras cidades da região, alguns importantes senhores fizeram uma reunião no início de 1888, com direito à decoração, fogos de artifício, banda e hinos patrióticos, e declararam o fim dos cativeiros no município. A imprensa local, a de São Paulo e também a do Rio de Janeiro noticiaram o evento, que ganhou importância na tradição da cidade. Para Warren Dean, nada mais do que um "mito", criado para "salvar aparências" e, na medida do possível, fazer voltar a "legalidade" para área. Foram os negros que encaminharam a sua libertação e os proprietários, de forma despudorada,

ISSN 2179-5665

buscaram inverter a história, numa tentativa de recuperar os créditos pela "generosidade, espírito público e visão" (DEAN, 1977, p. 144).

Como afirmou Robert Slenes (1999) em sua análise da bibliografia produzida sobre a escravidão, as ações do movimento negro no início da segunda metade do século XX estão entre os motivos que contribuíram para que o enfoque "apenas" no processo de vitimização dos seus "povos" fosse deixado de lado em muitas pesquisas realizadas por historiadores norte-americanos. Nesse novo momento, engrossando o coro de uma historiografia do social voltada para a voz dos operários, dos pobres, dos colonizados e outros grupos de subalternos, numa linha consagrada com o historiador inglês Edward Thompson, certos acadêmicos, entre os quais podemos incluir Warren Dean, optaram nitidamente pelo resgate dos negros e escravos como "agentes", de modo que um presente de lutas não ficasse desconectado do passado, até então repleto com imagens de indivíduos sem capacidade de ação, somente sujeitos à crueldade ou benevolência dos brancos.

Assim como nos Estados Unidos, para a bibliografia brasileira sobre a escravidão, esse tipo de abordagem também se demonstrou uma novidade, estando Warren Dean, portanto, entre os historiadores que inauguraram uma linhagem na análise da presença dos escravos no passado do país. Por apresentar como grande referencial o negro cativo enquanto agente histórico, essa nova tendência se distanciou de um conjunto de autores com raízes que remontam a Caio Prado Junior nos anos 1930, mas que dominou a cena intelectual nos anos 1960 e 1970. Fortemente influenciado por um viés marxista e economicista, esse grupo – composto por Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Jacob Gorender e Fernando Novais, entre outros – se dedicou a compreender a natureza dos modos de produção e/ou revisar as proposições de *Casa Grande e Senzala*[1], estando os escravos, em suas obras, na condição de peças de um sistema e, por conseguinte, mais próximos da inercia e da passividade (ANDREONI, 2014, p.12-15).

Nesse cenário de transição, o significado do trabalho de Warren Dean para essa verdadeira "virada historiográfica" foi atestado por um dos mais importantes nomes da corrente que se estabeleceu plenamente nos anos 1980. Segundo Sidney Chalhoub (1995, p. 14), a forma "abrangente e sofisticada" com a qual o norte-americano trabalhou com as

[1] A ideia de confraternização entre vencedores e vencidos, um dos pilares do livro *Casa e Grande e Senzala* de Gilberto Freyre, foi contraposta através da ênfase na violência e coação sofrida pelos negros escravizados.

ISSN 2179-5665

fontes, o tornou um dos "pontos de passagem necessário" para os pesquisadores que iniciavam seus trabalhos nesse período, quando os cursos de pós-graduação consolidavam sua expansão no país. Ainda de acordo com historiador brasileiro, as hipóteses e conclusões do brasilianista, que trataram de "valorizar devidamente os escravos enquanto sujeitos de sua própria libertação", contribuíram para a existência de uma dívida da historiografia nacional com sua obra, nem sempre reconhecida:

> É possível que, diante da imaginação metodológica e do fôlego de pesquisa constitutivos de Rio Claro, os historiadores da escravidão brasileira tenham tomado suas idéias e intuições de empréstimo mais regularmente do que reconhecido suas dívidas para com o livro e seu autor. De qualquer forma, Warren, você visivelmente exagerou – "distorceu" o registro histórico? – ao afirmar "que poucos prestaram atenção" em Rio Claro (CHALHOUB, 1995, p. 14).

Ao seguirem o rastro aberto por Warren Dean e, naturalmente, também por outras importantes obras produzidas por nomes do exterior e do Brasil, os autores que trabalharam a partir dessa nova matriz interpretativa caminharam em direção a duas grandes linhas de pesquisa: de um lado, os estudos quantitativos, com análises demográficas da família dos escravos e de seus preços, por exemplo, e, de outro, os trabalhos com foco na "vida" dos cativos, atentos às experiências vividas por eles em diferentes esferas do cotidiano, cobrindo desde a resistência até as formas de lazer dos negros (ANDREONI, 2014, p.12-13). Ambos os subcampos, ao retirarem da elite política e/ou proprietária de terras a exclusividade da condição de sujeitos da história, contribuíram decisivamente para o avanço da compreensão de inúmeros aspectos do passado brasileiro e, ao mesmo tempo, para a forma como ele foi construído por especialistas e forças sociais ao longo de todo século XX.

Referências Bibliográficas

ANDREONI, Roberto M. A. *A emergência do escravo-agente na historiografia brasileira da escravidão entre os anos 1970 e 1980*. 2014. 145f. Dissertação (Mestrado em História). – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis, 2014.

CHALHOUB, Sidney. Homenagem a Warren Dean. Comentário sobre Rio Claro, um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920. *Primeira Versão*. Campinas: Unicamp, 1995.

ISSN 2179-5665

DEAN, Warren. *Rio Claro*. Um sistema de Grande Lavoura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GREEN, James. *Clerics, exiles and academics*: opposition to the brazilian military dictatorship in the United States, 1969-1974. Latin American Politics and society, v.45, n.1, p.87-117, 2003.

_____. *Apesar de Vocês*. Oposição à ditadura militar brasileira nos Estados Unidos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LAVRETSKII, Iosif R. A Survey of The Hispanic American Historical Review, 1956-1958. *The Hispanic American Historial Review*, Durham, v.40, n.3, p.340-360, 1960.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Colônia brasilianista*: história oral de vida acadêmica. São Paulo: Nova Stella, 1990.

OLIVEIRA, João Rafael Moraes de. *História Ambiental no Brasil:* o percurso historiográfico de Warren Dean. 2013. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2013.

OSWALD, J. Gregory. A Soviet criticism of the Hispanic American Historical Review. *The Hispanic American Historial Review*, Durham, v.40, n.3, p.337-339, 1960.

PRADO, Maria Lígia C. Warren Dean. *Revista de História*. São Paulo, n.133, p.91-93, 1995.

SLENES, Robert. *Na senzala uma flor*: esperanças e recordações da família escrava. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.